

SEÇÃO: ARTIGOS

**História natural das Plantas da Ilha do Maranhão e regiões vizinhas
dos Estados do Maranhão e Pará no século XVII segundo a obra do
Frei Claude d'Abbeville**

**Natural history of the Plants of the Island of Maranhão and
neighboring regions of the States of Maranhão and Pará in the 17th
century according to the work of Fr. Claude d'Abbeville**

Jairo Fernando Pereira Linhares¹

Maria Ivanilde de Araujo Rodrigues²

João Paulo Tadeu Dias³

Claudio Urbano Bittencourt Pinheiro⁴

RESUMO

Durante a presença francesa no Maranhão, frei Claude D'Abbeville, fez o registro das plantas e de seus usos, e da etnografia dos índios Tupinambás. O religioso concentrou suas andanças na Ilha grande do Maranhão (onde atualmente localizam-se os municípios de São Luís), Commã (atual Cumã, baía localizada entre os municípios de Alcântara e Guimarães), Coyieup (atual Cujupe, próximo de Alcântara), e Cayeté (atual Bragança), no estado do Pará. Este estudo consistiu basicamente de pesquisa documental acerca da flora do Maranhão e do Pará,

¹ Pesquisador independente, São Luís, MA - Brasil.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6307-7027>. E-mail: jairoivini29@yahoo.com.br

² Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, MA - Brasil.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1463-1976>. E-mail: miar29@gmail.com

³ Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3740-4557>. E-mail: diasagro2@gmail.com

⁴ Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA - Brasil.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5874-9255>. E-mail: cpinheiro@elointernet.com.br

segundo a obra intitulada, 'História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão e suas circunvizinhanças'.

Palavras-chave: pesquisa documental; flora pretérita; zona costeira.

ABSTRACT

During the French presence in Maranhão, Fr. Claude D'Abbeville, recorded the plants and their uses, and the ethnography of the Tupinambás Indians. The religious concentrated his wanderings on Ilha Grande do Maranhão (where the municipalities of São Luís are currently located), Commã (present Cumã, bay located between the municipalities of Alcântara and Guimarães), Coyieup (present Cujupe, near Alcântara), and Cayeté (now Bragança), in the state of Pará. This study basically consisted of documentary research on the flora of Maranhão and Pará, according to the work entitled, 'History of the mission of Capuchin priests on the island of Maranhão and its surroundings'.

Keywords: documentary research; past flora; coastal zone.

INTRODUÇÃO

Antes do Estado do Maranhão e Grão-Pará ter sido criado em 1621 pela Coroa portuguesa, a região não era juridicionalmente pertencente ao Brasil. Por essa razão, muitos mapas, planisférios, cartas, entre outros documentos da época, consideravam o Maranhão como uma região não pertencente ao território brasileiro (CARDOSO, 2011). Durante um breve período (1612-1615) que antecedeu a criação do Maranhão e Grão-Pará, o Maranhão esteve sob o domínio francês com a fundação da França Equinocial (TORRÃO FILHO & CAIRES, 2012).

Como era comum na época, o colonizador europeu registrava através de crônicas, os potenciais recursos naturais do Novo Mundo, bem como fazia registros etnográficos a respeito dos modos de vida dos povos nativos que habitavam as terras recém-conquistadas. É consenso que até a vinda de D. João VI em 1808 ao Brasil, não havia pesquisa científica propriamente dita (NOGUEIRA, 2000). Assim sendo, no início do século XVII, no Maranhão, coube ao frei capuchinho Claude D'Abbeville, fazer o registro das plantas e de

seus usos pelos índios Tupinambás, povos de língua Tupi, habitantes da região, além do registro etnográfico do seu modo de vida.

No geral, informações sobre o intercâmbio de plantas no Brasil estavam diretamente atreladas à história da colonização, sendo, portanto, impossível precisar o início da chegada de plantas vindas de outras partes do mundo. Contudo, acredita-se que tenham chegado com as primeiras caravelas (KURY, 2013). Vale destacar que a quantidade de informações coletadas por Claude D'Abbeville em tão pouco tempo em que ele passou em terras maranhenses (cerca de quatro meses) pode ter uma explicação: a boa relação que os franceses já mantinham com os indígenas antes de sua chegada ao Maranhão (CARVALHO, 2016).

Claude D'Abbeville concentrou suas andanças na Ilha grande do Maranhão (onde atualmente localizam-se os municípios de São Luís, Paço do Lumiar, São José de Ribamar e Raposa), Mayoba (atual Maioba, comunidade localizada em Paço do Lumiar), Commã (atual Cumã, nome dado à baía localizada entre os municípios de Alcântara e Guimarães) e Coyieup (atual Cujupe, localizada em Alcântara), e por fim, Cayeté, atual Bragança, pertencente ao Estado do Pará. A seguir, mapa da zona costeira do Oiapoque ao Maranhão contendo as localidades citadas por Claude D'Abbeville (Figura 1).

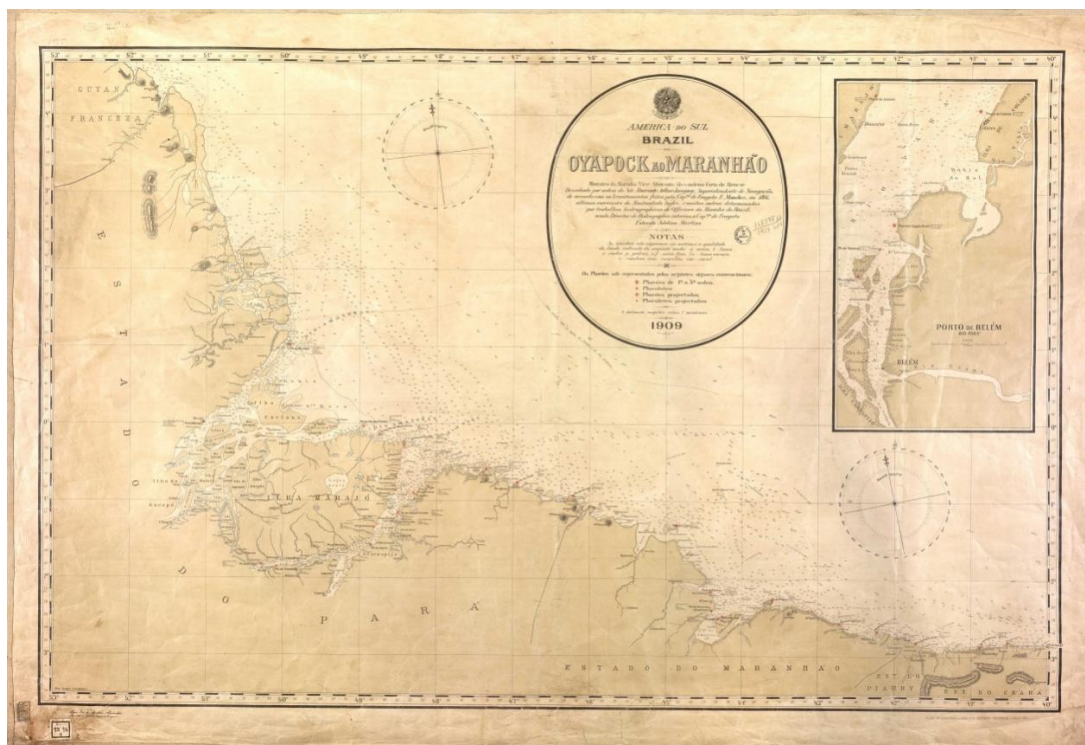


Figura 1 - Mapa da zona costeira do Oiapoque ao Maranhão.

Fonte: Biblioteca Nacional Digital (1909).

Chegando ao fim de sua permanência no Maranhão, Claude D'Abbeville retornou à França com seus registros, escrevendo a obra intitulada, 'História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão e suas circunvizinhanças', produzida originalmente em 1614 em francês. Posteriormente, a obra ganhou uma versão traduzida para a língua portuguesa, com anotações feitas pelo Dr. Cezar Augusto Marques em 1874 (D'ABBEVILLE, 1874).

Em razão de a obra ter citado as localidades por onde Claude D'Abbeville percorreu, para fins de estudos ambientais, conforme consulta ao arquivo geoespacial dos municípios defrontantes com o mar, elaborado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), podemos afirmar que o registro das plantas contidas na obra deu-se no âmbito da zona costeira, na sua porção terrestre.

Em vista disso, a importância da pesquisa documental relacionada aos registros sobre a natureza retratada em fontes históricas adquire grande relevância por possibilitar maior compreensão científica do uso de recursos biológicos no passado, e na mesma medida, contribuir para novas possibilidades de uso no presente (MEDEIROS, 2010). Desse modo, a pesquisa documental pode contribuir com questões relativas à ocorrência e distribuição de espécies no passado, bem como, contribuir para o entendimento das transformações ocorridas no ambiente ao longo do tempo.

Contudo, trabalhar com essas fontes documentais suscita sempre um número de dúvidas sobre como considerar e interpretar as informações ali contidas (CAIRES, 2011). Por outro lado, apesar dos problemas no que se relaciona à interpretação de fontes documentais, é necessária a implementação de ações para registrar, valorizar e preservar o conhecimento tradicional e ou local referente ao emprego de plantas (OLIVEIRA-MELO, *et al.* 2019).

Sobre o assunto, outros registros acerca da história natural das plantas no Maranhão podem ser encontrados. Como exemplo, a obra escrita pelo padre francês Yves D'Evreux, intitulada, "Voyage dans le nord du Brésil" feita nos anos 1613 e 1614 (D'EVREUX, 1864). Mais tarde, após a expulsão dos franceses pelos portugueses, frei Cristóvão de Lisboa escreveu a obra intitulada "História dos animais e árvores do Maranhão", escrita provavelmente entre 1624 e 1627, e publicada somente em 1967 (LISBOA, 1967). Séculos mais tarde, frei Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres escreveu a obra "Poranduba maranhense: relação histórica da província do Maranhão" (PRAZERES, 1891).

Por fim, os resultados desta pesquisa apresentada contribuem para o aumento do conhecimento científico sobre a flora terrestre no âmbito Zona Costeira na porção compreendida entre os estados do Maranhão e Pará, em tempos pretéritos. Portanto, o objetivo geral deste trabalho foi o de realizar pesquisa documental acerca da flora do Maranhão e do Estado do Pará no século XVII, na porção terrestre da Zona Costeira desta região, segundo a obra de Claude D'Abbeville, intitulada, 'História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão e suas circunvizinhanças', buscando-se, mais especificamente, conhecer as espécies, suas procedências e seus usos.

MATERIAL E MÉTODOS

Para coleta dos dados foi consultada a obra do frei capuchinho Claude D'Abbeville – 'História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão e suas circunvizinhanças', traduzida por Cezar Augusto Marques (1874). Esta obra, portanto, constituiu a fonte documental primária para elaboração do códice das plantas maranhenses no século XVII, de agora em diante denominada referência direta (RD). Não obstante, algumas premissas gerais foram assumidas para nortear o desenvolvimento desse estudo.

Identidade botânica

Na pesquisa botânica, a busca da identidade da planta se faz necessária, mesmo em se tratando de pesquisa documental deve ser levado em consideração que as normas científicas atuais não vigoravam na época em que a fonte documental foi produzida. Portanto, para esclarecimento da identidade botânica dos etnônios de origem Tupi, estes foram extraídos como encontrados na obra e, para efeito dessa pesquisa, passam a denominar-se referência direta – RD - mantendo-se assim a versão paleográfica (MEDEIROS, 2009).

Contudo, o emprego de etnônios de origem Tupi registrados em 'História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão e suas circunvizinhanças' merece um esclarecimento: encontram-se escritos de forma afrancesada, como explica Garcia (1927): "O capuchinho francês, como seus compatriotas que trataram do Brasil nos dois primeiros séculos de conquista, imprimiu aos vocábulos tupis que transcreveu forma puramente franceza, ou afracezada, algumas vezes arbitraria e caprichosa".

O mesmo autor esclarece a facilidade em fazer a equivalência fonética entre os etnônios afrancesados encontrados na RD e os correspondentes registrados por missionários de origem

ibérica. Conforme GARCIA (1927): “A tarefa de restauração gráfica desses vocábulos é relativamente fácil, se prestarmos atenção à equivalência dos sons entre eles e seus correspondentes no tupi dos catechistas ibéricos”. Assim sendo, conclui-se que o contato linguístico entre falantes de diferentes línguas ou variações da língua em situação de proximidade geográfica ou social, comumente resulta em empréstimos linguísticos e interferências no idioma (PEIXOTO, 2020).

Desse modo, para a elucidação da identidade botânica na obra, recorreu-se primeiramente ao trabalho de GARCIA (1927) – “Palavras e frases da língua tupi, contidas na “Histoire de la mission des pères capucins em l’isle de Maragnan et terres circonvoisines”, do padre Claude D’Abbeville. Posteriormente, em função da equivalência fonética existente entre os etnônios contidos na obra de Claude D’Abbeville e os registrados por missionários de origem ibérica foram consultados os trabalhos de MIRANDA (1942), EDELWEISS (1969), BETTS (1981).

Paralelamente, buscou-se o esclarecimento das identidades botânicas a partir de informações contidas na própria obra, como pode ser observado no exemplo a seguir:

“Cajú-été, muito parecido com a pera, e quando maduro é todo amarelo por fora, e branco por dentro, muito doce e agradável, e ótimo para se comer. Tem uma castanha muito parecida com o rim do carneiro, a qual está contida n’uma concha, muito semelhante a uma de nossas castanhas grandes, porém muito mais dura por dentro” [...] (D’ABBEVILLE, 1874).

Outra forma considerada para a elucidação da identidade botânica foi considerar a existência de corruptelas. A partir desse entendimento, compararam-se características das plantas descritas na RD com as descrições existentes em manuais de plantas produzidos na atualidade (LINHARES et al., 2018).

No entanto, a identificação botânica a partir do emprego de etnônios necessita de esclarecimento. Se, por um lado, é fundamental para caracterização das espécies, por outro, pode levar a ambiguidades decorrentes de homonímia - quando um mesmo etnônimo designa espécies distintas – ou ainda, por sinonímia - quando vários etnônios podem designar uma única espécie (VÁSQUEZ et al., 2014). Ademais, a nomenclatura botânica empregada teve como base de dados The International Plant Names Index – IPNI (2006), Missouri Botanical Garden’s VAST (VAScular Tropicos) nomenclatural data-base – W3 Tropicos (2006) e literatura especializada. A abreviatura dos nomes dos autores das espécies seguiu BRUMITT & POWELL (1992).

Procedência das plantas

Consideramos para efeito de elucidação da procedência das plantas consultas à literatura especializada após a elucidação da identidade botânica. Os etnônimos que por ventura não tiveram suas identidades botânicas esclarecidas, foram consideradas como de origem nativa. O critério adotado para a determinação da origem das plantas que não tiveram suas identidades botânicas esclarecidas baseou-se em fatos históricos. Pois foi somente com a chegada da família real portuguesa ao Brasil, em 1808, que se deu a criação do Jardim da Aclimação (que séculos mais tarde passou a chamar-se Instituto de Pesquisas do Jardim Botânico do Rio de Janeiro) é que se deu a introdução de plantas exóticas de forma sistemática (NOGUEIRA, 2000; DEAN, 1991).

Usos

Em relação aos usos atribuídos às referências diretas, somente foram registrados aqueles escritos de forma clara, pois, segundo estudos realizados por LÉVI-STRAUSS (1986, 1989), o aborígine define e classifica tudo aquilo que lhe tenha utilidade, ou, então, o que possa lhe causar danos. Todavia, BERLIN (1992) ampliou esse juízo quando em seus estudos etnolinguísticos notou forte tendência de classificação baseada em atributos que vão além da utilidade ou do dano atribuída a uma determinada planta.

RESULTADOS

Identidade botânica e procedência das plantas

Foram extraídas 71 referências diretas contidas na obra de Claude D'Abbeville, destas, 68% (n= 48) foram identificadas botanicamente pelo menos ao nível de família, e, 32% (n=23) não puderam ter suas identidades botânicas esclarecidas devido a poucas informações que levassem a elucidação da identidade botânica de acordo com as normas nomenclaturais atuais, são elas: acaia, agutytréua, ama-vue, amyiu, auenubuib acaiu, paiura, caup, capuíh-uaçú, capuíh-aiup, euanirap, yachicha, maukaié vue, uaierona, umery (meri), tata-vua, vsenpopuytan, vua uassuran, vua-Yyiu, vua-Yyiu, vua membec, vua caue, vua caue, vua pirup.

As famílias botânicas mais representativas em termos de número de espécies foram: Fabaceae, com 17% (n=8); Anacardiaceae e Arecaceae, com respectivamente 10% (n=5) e; Euphorbiaceae com 8% (n=4), perfazendo 45%.

Quanto à procedência, a quase totalidade das plantas, 97% (n= 69) foi constituída por espécies nativas, enquanto que as únicas espécies exóticas registradas foram: bananeira (*Musa x paradisiaca* L.; *M. sapientum* L. – Musaceae), e Commanda-uaçú (*Mucuna altissima* (Jacq.) DC. – Fabaceae) perfazendo 3% (n= 2) do total das espécies. A relação completa das RD, com as respectivas famílias botânicas e procedências, estão dispostas no Quadro 1.

Quadro 1 - Referências diretas/etnônimos (RD) contidas na obra do frei Claude D'Abbeville das plantas maranhenses no século XVII, com as respectivas famílias botânicas, nomes científicos e procedência das plantas.

Nº	Família botânica	Nome científico	RD	Procedência
1	Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju-été	Nativa
2		<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju-piran	Nativa
3		<i>Anacardium humile</i> A. St. – Hil	Acaiuy	Nativa
4		<i>Anacardium giganteum</i> Hancock ex Engl.	Cajú-açú	Nativa
5		<i>Spondias tuberosa</i> Arruda	Ombu	Nativa
6	Annonaceae	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	Araticu	Nativa
7	Apocynaceae	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	Mangaa	Nativa
8		<i>Parahancornia</i> sp.	Mururé	Nativa
9	Araceae	<i>Colocasia esculenta</i> (L.) Schott	Taia-uaçú	Nativa
10	Arecaceae	<i>Copernicia prunifera</i> (Mill.) H.E. Moore	Carana-vue	Nativa
11		<i>Maximiliana maripa</i> (Aubl.) Drude	Inaia	Nativa
12		<i>Mauritia flexuosa</i> L. f.	Muruti-una	Nativa
13		<i>Astrocaryum vulgare</i> Mart.	Tucu-vue	Nativa
14		<i>Syagrusecoronata</i> (Mart.). Becc.	Uäcury	Nativa
15	Bixaceae	<i>Bixa orellana</i> L.	Urucú	Nativa
16	Bromeliaceae	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Ananás	Nativa
17		<i>Neoglaziovia variegata</i> (Arruda) Mez	Karuatá	Nativa
18	Cactaceae	<i>Cereus jamacaru</i> DC.	Tarammacurú	Nativa
19	Caricaceae	<i>Jacaratia spinosa</i> (Aubl.) A. DC	Iaracatia	Nativa
20	Caryocaraceae	<i>Caryocar brasiliense</i> A.St. – Hil.	Pekéy	Nativa
21	Chrysobalanaceae	<i>Chrysobalanus icaco</i> L.	Uagiru	Nativa
22		<i>Licania salzmännii</i> (Hook. f.) Fritsch	Uyty	Nativa
23	Clusiaceae	<i>Platonia insignis</i> Mart.	Pacury	Nativa
24	Convolvulaceae	<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	Teteach	Nativa
25	Cucurbitaceae	<i>Cucurbita maxima</i> Duchesne	Gyromu	Nativa
26		<i>Lagenaria siceraria</i> (Molina) Standl.	Taker, kaker	Nativa
27		<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. & Nakai	Vua-éem	Nativa
28	Dioscoreaceae	<i>Dioscorea trifida</i> L. f.	Cará	Nativa
29	Euphorbiaceae	<i>Manihotesculenta</i> Crantz	Mandóica	Nativa
30			Macachet	Nativa
31			Mandioca été	Nativa
32	Euphorbiaceae	<i>Manihotesculenta</i> Crantz	Mandioca-caué	Nativa
33	Fabaceae	<i>Dalbergia nigra</i> (Vell.) Benth.	Yacarandá	Nativa
34		<i>Dipteryx odorata</i> (Aubl.) Willd.	Cumarua-uaçu	Nativa
35		<i>Dipteryx</i> sp.	Comaru-miry	Nativa
36		<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Iutay	Nativa
37		<i>Mucuna altissima</i> (Jacq.) DC.	Commanda-uaçú	Exótica
38		<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	Commanda-miry	Nativa
39		<i>Inga edulis</i> Mart.	Ingá	Nativa
40		<i>Arachis hypogaea</i> L.	Maudoy	Nativa
41	Malpighiaceae	<i>Byrsonima crassifolia</i> (L.) Kunth	Morecy	Nativa

Nº	Família botânica	Nome científico	RD	Procedência
42	Malvaceae	<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Amonyiu	Nativa
43	Myrtaceae	<i>Psidiumkennedyanum</i> Morong	Araçá	Nativa
44	Myrtaceae	<i>Psidium guajava</i> L.	Goyauc	Nativa
45	Musaceae	<i>Musa x paradisiaca</i> L.	Bananeira	Exótica
46	Passifloraceae	<i>Passiflora</i> L.	Morgoya	Nativa
47	Rubiaceae	<i>Genipa americana</i> L.	lunipap	Nativa
48	Sapindaceae	<i>Sapindus edulis</i> Aiton	Pitom	Nativa
Total				46 nativas 02 exóticas

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

Usos

Quanto aos usos, a importância alimentícia teve grande destaque entre os usos levantados com 75% (n=59), seguido por medicinal, 6% (n=5), bebida, 6% (n=5) e, por fim, construção, tintura, iluminação, confecção de armas, fibra, azeite e uso em rituais, perfazendo 12% (n=10). Vale destacar que, algumas plantas foram registradas com mais de uma utilidade, por exemplo, espécies de palmeiras e de caju figuram nessa condição. Por outro lado, 6% (n=4) do total das plantas registradas não tiveram seus usos mencionados por alguma razão desconhecida. São elas: acaia, ama-vue, capuíh-uaçú e euanirap.

Dentre as curiosidades acerca dos usos das plantas pelos Tupinambás, destaca-se o tucon-ive (*Astrocaryum vulgare* Mart. - Arecaceae), sendo esta a única planta utilizada para a confecção de espadas e arcos, devido à dureza e resistência de seu estipe. Segundo o frei D'Abbeville (1874): "O seu âmago é tão negro e duro como o Ebanó, e dele fazem os Índios espadas e arcos". A relação completa das RD com seus respectivos usos e frequências absolutas (FA) e relativas (FR), estão dispostos na Tabela 1.

Tabela 1 - Referências diretas/etnônios (RD) contidas na obra do frei Claude D'Abbeville acerca das plantas maranhenses no século XVII com seus respectivos usos e suas frequências absolutas e relativas.

Nº	Uso	RD/Etnônimo	FA*	FR**
1	Alimentação humana	Caju-été; cajú-açú; acaiuy; caju-piran; bananeira; mangaa; iaracatia; uaierona; iunipap; agutytréua; araticu; caup; goyauc; uâcury; muruti-una; inaia; carana-vue; tucu-vue; pacury; vua uassuran; vua membec; capuíh-aiup; yacarandá; ombu; paiura; vua caue; pitom; auenubuib acaiuy; yachicha; maukaié vue; uagiru; morecy; amyiu; mururé; vua-yyiu; vua pirup; umery; araçá; uyty; pekéy; iutay; tata-vua; ingá; ananás; karuatá; tarammacurú; gyromu; taker; vua-éem; comcommanda-miry; teteach; cará; taia-uaçú; maudoy; mandóica; macachet; mandioca été; mandioca-caué; vsenpopuytan	59	75
2	Medicinal	Caju-été; yacarandá; cumaru-uaçú; comaru-miry; vsenpopuytan	05	6
3	Bebida	Caju-été; cajú-açú; acaiuy; caju-piran; mandioca-caué;	05	6

Nº	Uso	RD/Etnônimo	FA*	FR**
4	Construção	Uäcury; muruti-una; carana-vue	03	4
5	Tintura	iunipap; urucú	02	3
6	Iluminação	Caju-été;	01	1
7	Confecção de armas	tucu-vue;	01	1
8	Fibra	Amonyiu	01	1
9	Azeite	Uäcury; pekéy;	01	1
10	Ritual	Ombu	01	1
Total			79	≈ 100

*FA= Frequência absoluta; ** FR= Frequência relativa.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

DISCUSSÃO

Identidade botânica e procedência das plantas

No registro de plantas nativas úteis citadas na obra de Cristóvão de Lisboa, elaborada após a expulsão dos franceses do Maranhão, tiveram destaque as variedades de mandioca (*Manihot esculenta* Crantz; Euphorbiaceae). São elas: iuruquo, mandioqua ata, mandioqua ati, mandou aguoá, maquaxeira (Linhares et al. 2018). No que se refere a plantas exóticas, apenas a pacoueira (*Musa x paradisiaca*; Musaceae) foi registrada na obra Cristóvão de Lisboa (Linhares et al. 2018). A bananeira, também conhecida por pacoueira, é uma das plantas mais antigas cultivadas pelo homem, de origem asiática. No Brasil, o seu registro remonta do século XVI no Rio de Janeiro (Hoenne 1937).

Usos

Os registros das plantas alimentícias pelos primeiros europeus que chegaram ao Novo Mundo tiveram participação destacada. Na obra de Cristóvão de Lisboa, por exemplo, as plantas alimentícias chegaram a 74% das espécies citadas (Linhares et al. 2018). As raízes comestíveis tropicais (mandioca, batata doce, inhame, araruta) eram recorrentemente citadas pelos primeiros europeus desde os primeiros relatos sobre as terras recém-conquistadas no Novo Mundo (Sauer 1986). O padre jesuíta José de Anchieta, em 1570, já fazia referência ao consumo de batatas e de carás, quando assados ou cozidos serviam como substitutos do pão de trigo (Hoenne 1937).

Dentre as raízes, a mandioca representava a base alimentar dos povos Tupis (grupo linguístico a que os Tupinambás pertenciam). Estes conheciam duas espécies, a doce *Manihot dulcis*

(J.F.Gmel.) Baill. e a amarga *Manihot utilissima* Pohl com vinte e quatro variedades. Esse “complexo da mandioca” pode ser comparado ao “complexo do milho” dos índios norte-americanos (Ramos 1971). Quanto ao preparo de bebidas fermentadas, Ramos (1971) afirmou que várias frutas se prestavam ao preparo da bebida, conhecida pelos índios por cauim. Contudo, destaca o caju e a mandioca doce como as espécies de plantas preferidas pelos índios para o preparo da bebida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em geral, as plantas alimentícias foram as mais registradas na obra de Claude D'Abbeville, por razões óbvias. Os nativos e não nativos tiveram sempre maior relação com estas espécies, no cotidiano de colonizadores e colonizados. Com uma importância similar em termos de registros e relatos, as espécies medicinais, recursos presentes na natureza, mas que precisam de mais conhecimento e possíveis indicações quando necessárias, nas horas de enfermidades.

As fontes documentais sobre o uso dessas espécies nas vidas de quem fez a história ganham uma importância ainda maior quando essas espécies se tornam escassas ou desaparecem completamente da natureza. Ou ainda, estas fontes reafirmam a importância dessas plantas quando constatadas ainda presentes nos dias atuais, em sua espécie nativa, ou como uma variação, no tempo, no espaço e na história.

Não obstante, algumas limitações são inerentes a pesquisa, no que diz respeito a identificação botânica, na medida que não é possível fazer a identificação a partir de uma exsicata ou planta coletada na natureza, o que dificulta uma aproximação em termos de identificação botânica, o que reforça o investimento em termos do uso dos etnônimos e de outras informações que permitam uma melhor aproximação em termos de identificação.

Por outro lado, o emprego de etnônimos pode levar a equívocos quanto a ambiguidades decorrentes de homonímia - quando um mesmo etnônimo designa espécies distintas – ou ainda, por sinonímia - quando vários etnônimos podem designar uma única espécie.

Em relação aos usos das plantas contidas na obra, merece atenção especial ao emprego medicinal, na medida que o entendimento acerca do que seja doença muda com o tempo e o contexto, merecendo portanto, estudos complementares e acesso a bibliografia especializada.

Por fim, o resgate de informações acerca de plantas baseadas em fontes documentais podem servir a uma diversidade de estudos, como por exemplo: os relativos a centros de origem e

dispersão de espécies, levantamento de flora pretérita extinta local ou regionalmente, bem como, resgate de usos de espécies conhecidas na atualidade para emprego nas mais diversas pesquisas que envolvam os recursos vegetais nativos e aclimatados, são algumas das pistas que pesquisas dessa natureza podem ajudar a desvendar.

REFERÊNCIAS

BERLIN, Brent. *Ethnobiological classification: principles of categorization of plants and animals in traditional societies*: 1-335. Princeton University Press, Princeton. 1992.

BETTS, La Vera. *Dicionário. Paritintin. Sociedade Internacional de Linguística/Departamento de Programas Linguísticos, Cuiabá*. 1981.

BRUMITT, Richard Kenneth & Powell, C.E. *Authors of Plant Names: a list of authors of scientific names of plants, with recommended standard forms of their names, including abbreviations*. Royal Botanic Gardens, Kew. 1992.

CAIRES, Daniel Rincon. *A Mercantilização do Éden: O homem e a natureza sob o olhar de Claude D'Abbeville e Yves D'Evreux*. In *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo. 2011.

CARDOSO, Alírio. *A conquista do Maranhão e as disputas atlânticas na geopolítica da União Ibérica (1596-1626)*. São Paulo. *Revista Brasileira de História*. v. 31, n. 61, 317-338. 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882011000100016>. Acessado em 01.11.2019.

CARVALHO, Roberta Lobão. *O Maranhão no contexto da Monarquia católica: uma história conectada*. *Fronteiras & Debates*. v. 3, n. 1, 167-187. 2016. Disponível em: DOI: 10.18468/fronteiras.

D'ABBEVILLE, Claude. *História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão e suas circumvisinhanças*. Typ. do Frias, São Luiz. 1874. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221724>. Acessado em 30.10.2019.

D'EVREUX, Yves. *Voyage dans le nord du Brésil fait durant les années 1613 et 1614 para le Père Yves D'Evreux*. Publié d'après l'exemplaire unique conservé à la Bibliothèque Impériale

de Paris. Avec une introduction et des notes par M. Ferdinand Denis. Paris, 1864. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7655>. Acessado em 02.01.2020.

DEAN, W. A botânica e a política imperial: a introdução e a domesticação de plantas no Brasil. Estudos históricos. Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, 216-228. 1991.

EDELWEISS, Frederico Grandchamp. Estudos Tupis e Tupis-Guaranis: confrontos e revisões. Livraria Brasileira Editora, Rio de Janeiro. 1969.

GARCIA, Rodolpho. 1927. Palavras e frases da língua tupi, contidas na “Histoire de la mission des pères capucins em l’isle de Maragnan et terres circonvoisines”, do padre Claude D’Abbeville. 1927. Disponível em: http://biblio.etnolinguistica.org/garcia_1927_glossario. Acessado em 30.10.2019.

HOENNE, Frederico Carlos. Botânica e agricultura no Brasil no século XVI (Pesquisas e contribuições). Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1937. Disponível em: <https://bdor.sibi.ufjf.br/bitstream/doc/153/1/71%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf>. Acesso em: 06/07/2020.

IBGE. Municípios defrontantes com o mar. 2019. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/24072-municipios-defrontantes-com-o-mar.html?=&t=sobre>.

KURY, Lorelay. Apresentação. In L. KURY (Org.): Usos e circulação de plantas no Brasil - séculos XVI-XIX: 1. ed.: 8. Andrea Jakobson Estúdio Editorial Ltda., Rio de Janeiro. 2003.

LÉVI-STRAUSS, Claude O uso de plantas silvestres da América do Sul tropical. In: D. RIBEIRO (Ed.): Suma etnológica brasileira: Etnobiologia, n.1, 27-46. 1986. Vozes/FINEP, Petrópolis.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A ciência do concreto. In: C. Lévi-Strauss. O pensamento selvagem, Editora Papyrus, Campinas, SP. 1989.

LINHARES, Jairo Fernando Pereira, Rodrigues, Maria Ivanilde Araujo, Freitas, Patrícia Freitas & Pinheiro, Claudio Urbano Bittencourt. Etnobotânica histórica das plantas do Maranhão no século XVII baseada na obra de Cristóvão de Lisboa. Biota Amazônia v. 8, n. 3, 15-18. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.18561/2179-5746/biotaamazonia>.

LISBOA, Frei Cristóvão de. História dos animais e árvores do Maranhão. Arquivo Histórico Ultramarino/Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, Lisboa. 1967.

MEDEIROS, Maria Franco Trindade. Etnobotânica histórica: princípios e procedimentos: 1-84. 2009. NUPEEA/Núcleo de Publ. em Ecologia e Etnobotânica Aplicada. Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia (Série Estudos e Debates), Recife.

MEDEIROS, Maria Franco Trindade. Aspectos históricos na pesquisa etnobiológica. (Coleção estudos & avanços). Recife: NUPEEA. 2010.

MIRANDA, Vicente Chermont de. Estudos sobre o Nhêengatú. In: Rodolfo Garcia. Exotismos franceses originários da Língua Tupi. Volume LXIV. *In* Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1942.

Missouri Botanical Garden's VAST (VAScular Tropicos) nomenclatural data base – W3 Tropicos. Disponível em: <http://mobot.mobot.org/W3T/Search/vast.html>. Acessado em 28.04.2017.

NOGUEIRA, Eliana. Uma história brasileira da botânica. Studio Nobel. 2000. Paralelo 15 – [São Paulo]: Marco Zero, [Brasília].

OLIVEIRA-MELO, Paula Maria Correa; FONSECA-KRUEL, Viviane Stern; LUCAS, Flávia Cristina Araújo & COELHO-FERREIRA, Marlia Regina. Coleções etnobotânicas no Brasil frente à estratégia global para a conservação de plantas. Belém. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas. v. 14, n. 2, 665-676. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222019000200020>.

PEIXOTO, Jaqueline dos Santos. 2020. O contato do português com as línguas indígenas brasileiras: considerações sobre o desenvolvimento de L2. Revista Brasileira de Linguística Antropológica, v.12, n. 1, 41-69. 2020. DOI: <https://doi.org/10.26512/rbla.v12i1.29723>

PRAZERES, Frei Francisco de Nossa Senhora dos. Poranduba maranhense: relação histórica da província do Maranhão. Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro v. 54, n. 1, 4-277. 1891. Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Aprazeres-1891-poranduba/prazeres_1891_poranduba.pdf. Acessado em 03.05.2020.

RAMOS, Arthur. Introdução à antropologia brasileira: as culturas indígenas. Rio de Janeiro. Livraria Editora Casa do Estudante do Brasil. 1971.

SAUER, Carl Ortwin. 1986. As plantas cultivadas na América do Sul tropical. In: Ribeiro, B.G. Suma etnológica brasileira. Petrópolis. Sindicato nacional de editores de livros.

THE INTERNATIONAL PLANT NAMES INDEX – IPNI. Disponível em: <https://www.ipni.org/>. Acessado em 28.04.2017.

TORRÃO-FILHO, Amílcar & CAIRES, Daniel Rincon. A alma de uma cidade: natureza e cultura na França equinocial na visão de Claude D'Abbeville. História: Questões & Debates, Curitiba, v. 57, n. 2, 239-263. 2012. Editora UFPR.

VÁSQUEZ, Silvia Patrícia Flores; MENDONÇA, Maria Silvia de. & NODA, Sandra do Nascimento. Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do município de Manacapuru, Amazonas, Brasil. Acta Amazônica v. 44, n.4, 457-472. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-4392201400423>.